

**BELÉM, PA, 20 DE SETEMBRO DE 2002**

*Meu caro amigo, Governador Almir Gabriel; Senhores Ministros aqui presentes; Ministro da Justiça Paulo de Tarso, que é aqui desta terra; Ministro Gomide, Ministro de Minas e Energia; Ministro Luciano Barbosa, da Integração Nacional; Presidente da Aneel, Mário Abdo; Dr. Altino Ventura, Presidente da Eletrobrás; José Antonio, Presidente da Eletronorte; Paulo Godói, que acabou de fazer esse belo discurso, e, ao saudá-lo, saúdo a todos os seus familiares, aos trabalhadores, aos técnicos, aos engenheiros; Senhoras e Senhores,*

Muito recentemente, estive aqui, no Pará, sempre na companhia agradável do Governador Almir Gabriel, em Tucuruí, vendo a descida do rotor que vai permitir a ampliação da geração de energia da usina.

Tenho certeza de que a Eletronorte vai nos dar essa satisfação até de, antes do fim do ano, realmente vermos esse rotor girando, para que possamos agregar mais energia produzida em Tucuruí.

Hoje, estamos aqui, assistindo à duplicação dessa rede de transmissão, que tem um significado muito especial – especial não apenas em função daqui da região de Barcarena, dos produtores daqui, mas do

Pará inteiro e de Belém. Nós estamos assegurando energia, com mais uma linha. Isso significa que não haverá mais risco, de repente, de haver um apagão, não devido aos céus, mas devido à falência de uma correia de transmissão. E isso é muito importante.

Na verdade, creio que, pelo que já foi dito aqui, vou apenas ressaltar alguns pequenos pontos. Nós temos trabalhado bastante nesse setor de energia. Nos últimos sete anos, inauguramos 26 hidrelétricas. Não são muitos países do mundo que podem fazer isso, num curto prazo de tempo fazer 26 hidrelétricas. Além disso, diversificamos a matriz energética. Hoje, temos as termoeletricas, que já estão agregando cerca de 10 mil megawatts ao nosso sistema e poderão, nesses próximos anos, agregar uma forma de segurança ao nosso sistema de energia.

Estamos desenvolvendo energia eólica. Estamos tratando de ver se podemos aproveitar a biomassa. Já estamos fazendo isso. Há projetos de reconversão de energia. Há empresas que hoje utilizam o vapor, que antes era desperdiçado, para gerar energia. Enfim, houve uma mudança, também, na matriz energética. E, nessa matriz, nós entramos, como já mencionei, com a produção de gás, para a utilização do gás, para agregar a essa força toda. Isso fez com que nós tivéssemos, realmente, aumentado a nossa capacidade de oferta de energia.

Hoje já estamos nos aproximando dos 80 mil megawatts. Os mais rigorosos aqui, e estou cercado por eles, falam em 78 mil. Eu, como sou um pouco mais otimista, vou me fixando nos 80 mil. E, desses 80 mil, nós podemos dizer que, nesses anos de governo, nós acrescentamos, mais ou menos, uma terça parte de toda a história do Brasil. A tudo que o Brasil fez, até 1994, nós acrescentamos mais ou menos 58 mil, algo assim. Nós acrescentamos uma terça parte adicional. Não é pouco. É claro que isso tudo não serviria muito se nós não tivéssemos acrescentado também – não vou citar os números, porque não é necessário – as redes de transmissão, que é o que realmente dá segurança ao consumidor.

A possibilidade da interconexão da produção de energia elétrica, como a nossa matriz é basicamente uma matriz hidráulica, depende, em parte, da questão das chuvas. Então, nós precisamos de, realmente, ter uma integração das nossas fontes de geração de energia. Se nós já

tivéssemos conseguido isso, teríamos passado mais rapidamente, ou talvez até evitado o apagão de 2001. O apagão, hoje em dia, é símbolo, no Brasil, símbolo de um país participativo, de uma população que entendeu o problema, que ajudou. Eu sei que os geradores e distribuidores não gostam do que eu vou dizer, mas basta citar que o nível de consumo hoje é equivalente ao de 1999, não por diminuição da atividade produtiva, mas por termos introduzido mais atos de poupança e de racionalidade no uso da energia.

Então, o apagão foi alguma coisa que serviu. E serviu também para nos alertar mais ainda sobre a necessidade de completarmos as nossas fontes, que são hidráulicas, com outras formas de geração de energia.

Continuamos bastante firmes na questão de que é muito importante haver a geração à base da água. Agora mesmo, em Johannesburgo, propus que os países tivessem pelo menos 10% da sua energia gerada por fontes renováveis, e de forma hidráulica em especial. Achamos que isso é fundamental. Mas sabemos da importância também de termos um seguro. Temos um pouco de energia atômica. Espero que não expanda em demasiado, se complete a usina de Angra III, e pronto. Temos também a questão do uso do gás. Estamos buscando formas mais complementares de geração de energia. E, agora, as interconexões. O senhor Paulo Godoi mostrou em quantas interconexões esse grupo está trabalhando para a ampliação dessa nossa rede de segurança. Na verdade, aumentamos muito também a extensão das linhas de energia elétrica.

Isso tudo mostra que estamos realmente fazendo um esforço muito grande para assegurar ao Brasil um futuro. E um futuro que já é presente. Essas populações imediatamente passam a se beneficiar. Não vou me esquecer nunca: o Governador Almir Gabriel estava comigo, quando fui inaugurar o segundo linhão de Tucuruí, e fomos assistir a uma espécie de inauguração, porque aquilo ali significa que toda aquela população do estado, que fica às margens da Transamazônica, um pouco mais ao Sul, que não tinha acesso a energia elétrica, passou a ter acesso a essa energia.

A mesma coisa está ocorrendo agora. As populações que recebem energia, à medida que se estende essa linha, sentem o efeito imediata-

mente. Podem ver, hoje, nos jornais, num deles pelo menos, a fotografia de um menino comigo: esse menino fez uma frase que foi premiada; e ganhou um computador. Só que ele não tem luz em casa. Ele mora em Minas Gerais. Temos um programa chamado Luz do Campo, que estendeu bastante a energia no campo. Se tivesse tido a sorte de estar em um estado onde tivesse havido mais impulso no Luz do Campo, ele, certamente, já teria luz em casa. Mas não tem luz em casa e teve, entretanto, luz no cérebro: foi capaz de fazer uma frase luminosa e ganhou um computador. Chama a atenção, portanto, mais ainda, a necessidade de completarmos esses programas e darmos, realmente, acesso à energia em toda parte.

Claro que, aqui, em Barcarena, onde temos um pólo industrial importante, essa linha Tucuruí-Vila do Conde permite, imediatamente, um avanço muito grande nessa área.

Agora, o que é interessante também dizer é que há recursos que, como já foi mencionado, estão sendo investidos numa nova modalidade. Aliás, tenho a satisfação de dizer, agora que estou terminando o Governo, que quase todas as siglas que se usam no Brasil são novas, não existiam antes: Aneel, Pronaf, ANP, Anatel, etc. Essas siglas todas foram feitas por nós. É uma outra maneira de organizar o Estado, de gerir o Estado, de fazer com que haja uma interconexão do Estado com a sociedade e com a população. E isso vale para a área social também. Todas as siglas que hoje se manejam. Mesmo os que criticam nem percebem que estão, às vezes, falando de uma coisa que não havia antes. Programas como o Pronaf não existiam. Hoje, dizem: “Falta recurso no Pronaf...” Ah, é? Falta, é? Mas não havia nada. Agora, tem alguns bilhões. Querem 1 bilhão a mais? Excelente.

O Brasil está mudando. Acho que está, hoje, aqui mesmo o exemplo vivo dessa mudança, de como as coisas estão sendo feitas, com transparência, não se escondendo nada, mas avançando.

Acho que temos que continuar, portanto, acreditando, e acreditando muito no Brasil. Aqui foi dito – e agradeço – que o Governo se empenhou muito pela Região Amazônica. É verdade. Acho que tratamos de olhá-la com a atenção devida. Ainda é insuficiente. Mas olhamos com

mais atenção os problemas da Amazônia, sobretudo na área de energia. E isso me apraz. Não só energia, como temos que olhar para muitas outras coisas nesta Região.

O Governador vai ficar sabendo, daqui a pouco, que enviei ao Congresso mensagem propondo a transformação da Universidade de Ciências Agrárias do Pará em Universidade Rural Federal, que era uma luta do Pará e do Deputado Anivaldo Vale. Temos que prestar atenção não apenas à reorganização do espaço físico, às formas de energia, às estradas, mas, sobretudo, à formação das pessoas.

Hoje, temos já, aqui na Amazônia, alguns núcleos importantes de desenvolvimento científico e tecnológico, que são a base para a continuidade de um processo de transformação do Brasil.

Fizemos, na verdade, bastante coisa. Fizemos tanto, que fiquei muito satisfeito, ontem, ao ver o programa de televisão do PT, que tomou de empréstimo todas as obras federais e distribuiu pelas prefeituras e pelos estados geridos pelo partido. Ótimo. Está compartilhando do que fizemos. E, quando as pessoas se apropriam do que é bom, a gente deve olhar para o que é bom e ficar satisfeito de dizer – é verdade que houve só um disse – “em colaboração com”. E agradeceu. Mas sabem: político não tem que esperar agradecimento. Político tem que esperar a sua consciência tranqüila de ter feito o que é necessário fazer pelo Brasil.

Acho que este, aqui, é mais um exemplo, hoje, de que estamos fazendo um grande esforço pelo Brasil.

Quero finalizar agradecendo, uma vez mais, a todos os que cooperaram, às empresas que se empenharam nisso – não é fácil fazer essa linha de transmissão no meio da Amazônia –, aos engenheiros, aos técnicos, aos empregados. Quero agradecer a colaboração dos órgãos federais, sempre muito atentos a tudo isso. E já foi dito pelo Doutor Paulo, que tem mais força como testemunha do que eu, pois é com a confiança da Eletrobrás, do BNDES, da Aneel, do Ministério de Minas e Energia. Para fazer qualquer obra, hoje, precisamos de um grande esforço. E, sobretudo, agradecer a persistência do Governador Almir Gabriel. Alguns são persistentes. Como ele, conheço muito poucos. Realmente, quando quer, quer. Não é porque quer: é porque mostra por que é

preciso querer. E, como ele mostra sempre por que é preciso querer, quando posso atendê-lo, atendo-o muito satisfeito.

Esta obra também faz parte daquele glossário que o Governador Almir Gabriel trazia no bolso dele, cada vez que ia falar comigo. Alça Viária, esta linha aqui, a outra, do Linhão, que já fizemos; a 163, a mega ou microbacia para sanear Belém. Sei até de cor. Quando via o Governador Almir, já dizia: já sei o que ele vai querer, até quanto vai pedir. E sei o quanto vou poder dar. E dou um desconto.

Muito obrigado.